

Eddy: Em qual década realizou seu curso superior? E se possível diga quem foram seus professores no âmbito da Comunicação Visual ou Objeto, e discorrer um pouco sobre sua trajetória acadêmica como estudante enfocando essas disciplinas do âmbito da Comunicação Visual ou Objeto. Em qual semestre ou ano do curso foram cursadas por você? O período em que você fez sua faculdade de arquitetura e essas disciplinas pertinentes ao que você vive.

Guto: prestei FAU e Mackenzie em 1969 e não entrei mas, por sorte minha, abriram as primeiras faculdades particulares. São José, Santos e Mogi. Entrei em São José dos Campos. Queria muito fazer São José, que prometia ser uma escola inovadora, e foi. Os professores eram muito provocadores e vivíamos um período paradoxal. Ditadura militar e movimento hippie. De um lado não podia nada e de outro, podia tudo. Digo que virei gente em SJC pois fui morar em república e vivi profundamente as mudanças do mundo da época. Tive aulas marcantes de fotografia e cinema com Plácido Campos Jr, Guilherme Lisboa e Valter Rogério, sem contar os professores convidados Maurício Capovilla, Jean Claude Bernardet e Damiano Cozella, entre outros. Dalton de Lucca e Ricardo Ohtake em comunicação visual, Wilson Campos em sociologia, Glaycon em desenho industrial, Anselmo Pecci em economia política e Chico Segnini em arquitetura. Foi na faculdade que comecei a fazer os primeiros objetos que posteriormente abriram meu caminho em artes plásticas.

Também os primeiros trabalhos gráficos: logos, ilustras, capas e cartazes
Depois de formado, um dos primeiros empregos foi ilustrar um livro para o escritório do Ricardo Ohtake e Dalton de Lucca.

Eddy: É esse ali em Perdizes?

Guto: Não, era na Tietê, em uma vilinha maravilhosa, um lugar muito simpático, aquelas meninas da FAAP que eram alunas deles iam visitar, aparecia sempre alguma personalidade, aparecia o Fajardo, o Valandro Keating, a Leila Ferraz... Era um lugar de encontros, era época da Polaroid, então todo mundo que ia lá visitar tirava uma Polaroid, tinha um painel enorme de Polaroids, era um retrato da época muito gostoso, e eles também faziam filmes Super 8, então era um lugar bacana. O Zé Graciano, que faleceu, era um dos sócios. Quando terminei o livro ele me indicou para trabalhar com o cunhado dele, o arqo Sami Bussab.

Eddy: você trabalhou com o Sami Bussab.

Guto: Com o Sami eu fiz arquitetura, mas nenhum projeto que eu desenhei foi construído, fiz uns oito projetos: casas, galpão para barcos, mas nada foi construído. Ele me demitiu porque tinha aquela crise do petróleo, era 1976, aí muita gente foi pra rua assim, não tinha trabalho no escritório. E aí voltei para a área gráfica, conheci o Farah, conheci o Ricardo Van Steen e o Mário Cafiero, em tempos diferentes, e todos estavam praticando artes gráficas e aí eu me liguei muito com os três, cada um no seu escritório.

Eddy: Mário Cafiero.

Guto: Mário Cafiero foi o primeiro, Rafic Farah e Ricardo Van Steen depois. Eu digo foram meus mestres em artes gráficas, porque com cada um eu aprendi como é que eles faziam, desde a solicitação do cliente até apresentar uma arte final. Cada um tinha um jeito de fazer, e aí fui aprendendo. Eu gostava de artes gráficas, mas não sabia o método até o final, overlay, fotolito, gráfica, marca de corte, provas. O Mário que me ensinou tudo isso, ver prova, seleção de cor.

Eddy: E qual era a formação do Mário?

Guto: O Mário é autodidata, com dezesseis anos ele entrou na Abril Cultural naquela época dos fascículos, ele tem formação da Abril Cultural, ele sabe tudo de gráfica, desses que dormia na máquina para entregar a revista. Fizemos agendas ilustradas e livros para a Ática.

O Farah é meu contemporâneo, fez FAU USP mas derivou para as artes gráficas, e me convidou para ilustrar o cardápio da Pizzaria Cristal que abriria naquela época.

O Ricardo eu conheci no ateliê do Fajardo, é 10 anos mais jovem, muito precoce e talentoso, já tinha muitos clientes e me convidou para fazer a revista Via Cinturato da Pirelli.

Eddy: Esse material você tem guardado?

Guto: Tenho, em 2007 eu fiz uma exposição e artes gráficas no Centro Cultural São Paulo tá no meu site. Guardei tudo, algumas coisas escaparam, mas a maior parte eu tenho.

Eddy: Nessa sua trajetória acadêmica como estudante, você já falou isso, mas, algum projeto em especial lhe despertou atenção, e que posteriormente influenciou sua vida profissional e/ou acadêmica?

Guto: Então, curiosamente, foram esses objetos que nasceram nas aulas de desenho industrial. Foram despertados pelo contexto acadêmico, começaram a nascer nesse período e que posteriormente inscrevi num concurso e ganhei um dos prêmios. Era um concurso de artes plásticas, que até então eu não considerava uma possibilidade profissional, eu não sabia desse mundo da arte contemporânea. Me inscrevi e ganhei um prêmio!

Eddy: Era um objeto inusitado.

Guto: a Primeira Mostra do Objeto Inusitado.

Eddy: Eu me lembro como se fosse hoje, lendo a matéria que saiu no Jornal da Tarde.

Guto: E saiu na Veja, imagina, eu principiante, com uns trabalhos que até eram bons, mas era tudo muito rudimentar. O Olívio Tavares escreveu sobre a exposição e deu o destaque pro meu trabalho, falando que eu era um seguidor de Marcel Duchamp. Eu falei: “nossa, isso aqui é sério ...”. Sabe quando dá um estalo, tipo aquele estalo do Vieira? Aí eu vi que ali estava abrindo um campo profissional pra mim, que até então eu não tinha imaginado existir. Esses trabalhos que eu fazia eu gostava, mas achava que aquilo não era nada, e aí eu fui ver que ele se inscrevia dentro da corrente dadaísta, dentro das vanguardas

artísticas. Eu fiquei super envaidecido, falei: “Nossa”, esses trabalhos, que eu faço sem querer, eles são produtos culturais, são objetos dadaístas, e foi o Olívio que publicou isso na revista Veja, o que na época era de um puta impacto. O próprio Fajardo chegou pra mim e falou: “Olha, na primeira exposição você já teve mais mídia do que eu na minha vida inteira”.

Eddy: Que era aquele garçon, né?

Guto: O garçon eu fiz depois, eu fiz pra uma namorada minha, já depois de formado. Era o Jean François. Tinham pequenas construções, brincadeiras com objetos, *ready mades*, eu mandei 14 peças pois podia mandar quantos quisesse. O Enes da Silveira, arquiteto, me ligou umas semanas depois e falou: “Guto Lacaz, aqui é o Enes, eu sou membro do júri do Objeto Inusitado, queria dar os parabéns, você ganhou um prêmio”. Eu falei: “Nossa, é mesmo?”. E aí eu falei: “preciso estudar esse negócio aqui. Eu tinha um *background* de arquitetura, mas me faltavam muitas coisas de artes plásticas. Aí nessa mesma época o Dudi Maia Rosa estava fazendo a primeira individual no MASP fui visitar o Fajardo e ele me convidou para ver a montagem da expo do Dudi que só conhecia de nome. Lá tive meu primeiro encantamento e impacto com artes plásticas. Comprei minha primeira pintura e vi o quanto eu precisaria aprender e pedi pra ser aluno: “Dudi, eu quero ser seu aluno”.

Eddy: Dudi Maia Rosa.

Guto: É, o Dudi dava aula de aquarela, pintura, cerâmica e gravura em metal, então um fiquei dois anos no ateliê dele zumbizando lá, eu não fiz nada, não pintei bem, não fiz nenhuma boa gravura, não fiz nenhuma boa cerâmica, aquarela eu desisti, mas a convivência lá foi fundamental pra mim, porque também era uma época que o Fajardo, o Baravelli, o Guen, levei quatro amigos da arquitetura pra lá. Era um ateliê muito rico de gente, todo mundo trabalhando, era muito gostoso. Depois fomos uns cinco alunos, incluindo o Mário Cafiero pedir aula à Regina Silveira e ao Júlio Plaza. Tinham um escola na Cardoso de Almeida chamada Aster, aí nós fomos fazer o curso de litogravura, também fiz uma só, achei complicadíssimo, mas eu fui procurar esses profissionais colegas pra completar meu aprendizado, depois eu desmamei, mas eles foram fundamentais pra eu entender onde eu estava entrando que era o mundo da arte contemporânea, e aí eu virei artista plástico e fui conduzindo essas duas áreas, artes plásticas e artes gráficas. Ganhava dinheiro em artes gráficas e gastava em artes plásticas, é muito difícil vender artes plásticas.

Eddy: Exatamente. De que forma iniciou sua trajetória junto ao Colégio Técnico de Comunicação Ladê? Foi convidado, foi indicado ou por livre iniciativa se apresentou aos dirigentes da instituição?

Guto: Então, eu, como você, tinha iniciado a atividade didática em Campinas. Dei 3 anos aula na PUC de Campinas, artes gráficas, de comunicação visual e desenho de arquitetura, dava duas matérias, e aí por questões políticas eu saí, mudou a diretoria. Um dia por semana, às segundas-feiras pegava um ônibus, era uma aventura e um lugar muito difícil de dar aula, porque tinham muitas alunas, tinha 60 alunas por classe, quase impossível, mas foi um período bacana, eu aprendi, porque tinha que organizar as aulas e preparar

material, é sempre um aprendizado. O Arnaldo Pappalardo recentemente falou: “Lembra que foi eu que te convidei para o ladê?”. Então eu devo ao Arnaldo, porque foi ele que me convidou para dar aula na ladê. Ele dava aula de fotografia, mas eu teria que prestar um concurso, ao contrário de Campinas, que eu entrei por indicação do Dorinho Bastos, um amigo. Concursei com dois outros colegas que eram da FAU USP, já me considerei perdido, tinha que dar uma aula sobre triângulos aí observei na cidade algumas edificações que tinham triângulos e dei a aula. Na época eu me apresentei para o Ettore Bottini, que criou a identidade visual da Companhia das Letras, fez muitas capas, os outros dois eu não me lembro, e aí recebi a notícia de que eu tinha sido escolhido, fiquei super contente, e comecei a dar aulas. Dava aula de ilustração e projeto, e ninguém falou “olha, tem que seguir por esse manual”, meio que eu tive que inventar o curso, e aí me lembro que fizemos trabalhos bem legais.

Eddy: Em que data iniciou sua atividade didática no ladê?

Guto: Então, eu me lembro que estava com um exposição na Galeria São Paulo, foi 82, e eu levei os alunos pra visitarem a exposição, então eu devo ter entrado ou 81, 82, 83, quer dizer, 82 eu estava lá.

Eddy: E você ficou?

Guto: Três anos, até ser demitido.

Eddy: E a demissão foi ocasionada por quê?

Guto: O senhor Emílio me chamou lá e falou que cada professor custava muito de INSS. Não me lembro, era uma questão burocrática, e agora que eu fui pedir a aposentadoria vi que eles nunca depositaram um centavo, então foi um blefe de dois lados. Falaram para os alunos que eu tinha me demitido. Então foi um jogo meio sujo. Mas vi que o ladê estava acabando, tanto é que no ano seguinte já saíram do prédio.

Eddy: Então, possivelmente em 84 ele vai pra Rebouças.

Guto: E aí na Rebouças eu até voltei lá. A Dudu, que era uma coordenadora pedagógica, disse: “As pessoas estão querendo que você dê aula aqui”, e fui lá visitá-los, mas não rolou nada, e aí depois acabou, não tive mais notícias. Mas foi o lugar mais gostoso de dar aula, porque eram classes pequenas e eram adolescentes cheios de energia.

Eddy: Vamos chegar lá. A Lola, você teve contato com a Lola? Ontem eu estava procurando no Google, já consegui localizá-la, é técnica no laboratório de fotografia, ela foi até o final, ela foi até 87, e hoje ela tem um laboratório lá em Pinheiros. Parece que ela tem uma série de contatos interessantes. Por curiosidade, nesse período você chegou a conhecer o Renato?

Guto: Tinha um que estou me lembrando, que agora esta morando Suíça, era um professor, agora preciso lembrar, eu conheço por apelido também. O Tabé.

Eddy: Com sua bagagem acadêmica, tudo que você colocou, somado às atividades profissionais, como você já comentou, como estabeleceu os parâmetros de conteúdo e conceitos nas disciplinas de projeto ou afins, no caso, Ilustração. Que professores seus ou disciplinas que cursou na época de estudante eram semelhantes didaticamente às que você passou a ministrar para os alunos? Você colocou um dado interessante, que você teve liberdade de montar sua estrutura, e falou em “projetos interessantes”. É nesse momento que eu preciso amarrar isso aqui.

Guto: Então, São José era uma escola pobre de informação, na época a faculdade começou sem nada, não tinha biblioteca, não tinha prédio, a gente vivia nas salas da Engenharia. Só no terceiro ano que conseguimos um prédio, só no quarto ano que foi construída uma biblioteca. Para você ter uma ideia, além do Oscar Niemeyer, que desenhou o CTA tinham obras do Rino Levi e nós nunca visitamos. Então tinha um direcionamento meio político dos professores de projeto, que só muito tempo depois eu fui ver – “como é que eles não mostraram isso pra gente?”. Eles iam para certos arquitetos que privilegiavam e fechavam os olhos da gente pra outros, não sei se intencionalmente, mas eu fui perceber tarde, que não precisava ter livro, você visitar a obra do arquiteto era melhor do que ter foto no livro. Tem uma coisa interessante: no meu vestibular, na prova de Linguagens da Arquitetura, caiu uma folha A3 com o desenho de um homem com óculos, desenhado a bico de pena; eu adorei o desenho, que era tipo o desenho que eu fazia, não igual, mas que eu gostava de fazer, que era *cartoon*, e que pedia que a partir desse boneco a gente construísse o espaço em volta dele; aí eu achei aquilo interessantíssimo. Quando eu passei no vestibular, foi uma grande alegria, eu perguntei pro professor Zanettini – acho que foi ele que tinha criado aquela prova – de quem era aquele desenho? E ele falou do Saul Steinberg”. Aí eu comecei a comprar livros do Saul, que era difícil de conseguir e aí virou uma cachaca, vivia com o Saul Steinberg pra lá e pra cá, copiava, então foi um grande mestre assim, sem ser professor da faculdade, ele foi o grande mestre da linha, potencial da linha.

Eddy: Mas é incrível, né?

Guto: Até eu não aguentar mais, aí eu comecei a dar os livros, você não aguenta mais de tanto que olhou aquilo, né? Então o Steinberg foi um professor. Na época também tinha o jornal Pasquim, que eu comprava e copiava os desenhos, do Jaguar, Ziraldo, de outros cartunistas, eu adorava desenho de humor, e aí eu ficava vendo os colegas, como é que os colegas resolviam as coisas, eu fui por observação, às vezes eu não ficava perguntando muito, eu ficava só olhando o que o cara fazia e falava “ah, já aprendi, já entendi”. Eu falava: “demorei dias pra fazer. olha o cara fazendo em cinco minutos”. Porque ele tem o método pra fazer. Me lembro no primeiro emprego que eu arrumei, o cara me deu uma régua paralela e eu montei, mas eu vi que não tinha montado da melhor forma, e daí eu vi o cara do meu lado montando. A minha ficou igual a dele mas, ele pôs a régua, prendeu com duas fitas crepe, eu falei: “é claro, eu tenho que prender a régua, se puxar o barbante pra cá ela fica assim na mesa, engraçado, eu estava tendo uma aula de régua paralela sem pedir e precisando. Igualmente o normógrafo, que era chatíssimo de fazer também, eu vi muita gente apanhar com aquilo até pegar, então eu peguei todo esse lado analógico de pegar, montar, cortar e colar. Era a tecnologia da época.

Eddy: E aí você iniciou aula na ladê?

Guto: E aí eu fui dar aula na ladê de Ilustração e Projeto.

Eddy: E aí, esses exercícios?

Guto: Então, eu me lembro de uns cinco que eram bem legais, que os alunos respondiam muito bem, que eu vou procurar a foto que o próprio aluno me deu, está em alguma pasta mas eu não achei agora pra te mostrar, depois eu digitalizo. Um deles era você construir qualquer objeto, podia ser isso aqui ou máquina fotográfica, um objeto que tivesse volumes, um automóvel, usando papel cartão duplex, então faziam a planificação, mediam o objeto, se fosse uma câmera fotográfica, construir um cilindro com papel cartão, depois o corpo. Tinha que fazer a planificação, usar régua, compasso, claro, simplificava um pouco o objeto, tinha alguns com muito detalhe que era mais pra pegar os volumes, e fizeram maravilhas. O Donizete Isidoro fez um violino. Foi ao limite, porque o violino tem aquelas superfícies, ele é ondulado, ele fez tudo, ele foi deformando o papel, sei que ficou uma preciosidade, ainda vou achar essa foto pra te mandar. Esse era um exercício que funcionava bem, porque as pessoas pegavam as planificações e construíram o sólido. Isso sempre dá satisfação, por mais mal-acabado que seja a pessoa edifica alguma coisa. O outro eu aprendi com o Naum Alves de Souza, que era professor de cenografia e teatro, e eu ia visitar o ateliê dele, era modelagem com jornal, então eu levava o jornal e as pessoas iam amassando o jornal com a fita crepe, e iam construindo volumes orgânicos, dava pra fazer volumes bem grandes. Teve uma menina, a Lia Santos, que fez um tubarão, ficou perfeito, e era uma coisa muito energética, porque você ia começar a fazer sem saber o que ia fazer, e o objeto ia nascer, ao contrário do outro, que tinha muito projeto, muita construção. Esse era mais livre, e o jornal é muito generoso pra obedecer a determinação da sua mão, claro que junto a fita crepe. Chamei de modelagem com o jornal. Outro era muito divertido, eles adoravam. Na época tinha uma vitrolinha, aí eu levava a vitrolinha e queria que eles fizessem uma escultura para girar em cima do prato, eu chamei de “escultura pra tocar disco”, então eles cortavam um círculo e tinham que fazer alguma coisa que no fim dava um efeito óptico, que ele girava 33 rpm. Tinha trabalhos muito bonitos, pena que eu não tenho registro de nada disso mas era um exercício que eles gostavam, que eles contavam pros pais depois, então era muito inusitado pra época, o tipo de solicitação pra eles, e eles respondiam sempre muito bem, toda a classe gostava das propostas e faziam e se empenhavam. Esses três eram fortes.

Eddy: A instituição, tanto direção quanto coordenação, estabeleceu parâmetros para o desenvolvimento das suas disciplinas? Qual era o nível de autonomia que você tinha em sala de aula pra definir a disciplina?

Guto: Total, eles nunca me mostraram um programa, e também nunca vieram me falar “olha, tira isso e ensina aquilo”. Era livre.

Eddy: Isso ajudava muito. né?

Guto: Às vezes era bom ter alguém que falasse “faça assim, olha esse exercício porque você não dá isso”. Mas não tinha, não teve.

Eddy: Nesse período você ministrava aula para o segundo ano ou terceiro ano?

Guto: Não sei, boa pergunta, não me lembro.

Eddy: Colegas que desenvolviam projetos, o Perrone estava nessa época?

Guto: Então, o Perrone, o Pappalardo, eu via sempre, o Cássio Michalani e o Sagese, esses eram os que eu mais via e com os quais interagia além da Lenora de Barros, que era da área de Literatura.

Eddy: E a Lenora?

Guto: A Lenora está aí, firme. Em arte contemporânea

Eddy: Ela foi minha aluna.

Eddy: Legal. Está mais ou menos respondido, mas vamos reforçar. Na sua trajetória como professor, quais projetos foram marcos positivos ou negativos? Tem lembranças de propostas que foram desenvolvidas e alcançaram seus propósitos? Lembra-se do nome de algum aluno que se destacou?

Guto: Sim, sim. Então eu vou falar o primeiro do Marcelo Pallotta, que desenhou todos os cartazes de cinema brasileiro, acabou de lançar um livro sobre sua produção.

Eddy: Marcelo Pallotta.

Guto: E ele agora abriu uma galeria chamada MAPA, “ma” de Marcelo e “pa” de Pallotta.

Eddy: Ele abriu galeria aqui em São Paulo?

Guto: É, porque ele, como eu, perdeu o mercado em artes gráficas, aí o plano B foi abrir uma galeria. Perto ali do Baixo Augusta, na travessa da Bela Cintra, lá embaixo.

Eddy: Nossa, que ótimo isso.

Guto: É um lugarzinho bonitinho, meio recuado, mas, enfim, ele é muito cuidadoso e lançou um livro mês passado no MIS, que são os cartazes que ele fez para o a retomada do cinema nacional. Praticamente só ele fazia cartazes para o cinema nacional até um carioca passar a mão no mercado dele, aí ele ficou sem nada.

Eddy: Que carioca?

Guto: Ele contou a história, a decisão mudou de mãos e passaram os cartazes para outro colega. Tem outra que me escreve sempre, que trabalha com o cara que inventou o Photoshop, é a Adriana, te passo o contato dela depois. Ela mora em Nova Iorque e trabalha com o cara que criou o Photoshop.

Eddy: Que incrível.

Guto: E o Ângelo Maciel, que faz tempo. Ele me liga e fala brincando: “ô, Gutão, você me reprovou, e não sei o quê, mas eu gosto de você”. É fotógrafo, um doce, de vez em quando me liga.

Guto: E eles contam, o Pallotta e o Guilherme Malteze, também está sempre no Facebook, eles foram fazer FAAP e se decepcionaram, porque eles já tinham um *background* do ladê muito grande...

Eddy: Oito, quais eram as maiores dificuldades dos alunos no processo de entendimento e desenvolvimento das propostas estipuladas?

Guto: Tem mais um exercício que era grafitti. Estava nascendo o grafitti de estêncil em São Paulo e eu tinha aprendido a fazer as máscaras, que era grafite de recorte. A Lulú Becheroni, que virou arquiteta da FAU, eu tenho até hoje o trabalho que ela fez e é fácil de localizar, ela era muito boa aluna, muito talentosa.

Eddy: E quais eram as dificuldades que você sentia dos alunos, vamos dizer assim, nesse processo dos exercícios, quais eram as dificuldades que você sentia?

Guto: Pois é, não me lembro de dificuldade. Não tinha muita conta pra fazer, era meio pega e faz e, talvez esse da construção com papel cartão tivesse mais um pouco de geometria, mas acho que a gente vencia fácil essa etapa. E eles tinham reforço de desenho geométrico com outros professores, então aquilo que eu dava já era familiar pra eles.

Eddy: Tinha um reforço né?

Guto: Havia a matéria de geometria com uma professora que se chamava Gislene que era a professora temida pelos alunos porque ela era muito rigorosa e dava descritiva, acho que era descritiva ou desenho técnico.

Eddy: Foi famosa essa professora.

Guto: É, ela era linha dura, mas ao mesmo tempo ela era boa professora, mas eu também a via a distância, nunca conversei com ela e nem sei se é Gislene seu nome.

Eddy: Isso. Aí vem a pergunta que quem sabe já está embutida, mais no fundo. Ocorriam trabalhos integrados com outras disciplinas, era uma prática ou apenas uma intenção? que outros professores ou disciplinas do ladê eram semelhantes didaticamente às que você ministrava?

Guto: Não, eu não me lembro, talvez o Cássio Michalany, que dava mais o lado plástico, composições cromadas e jogos de claro e escuro, aquelas coisas de fazer o quadrado preto e o quadrado branco era o “beabá” da plástica, mas eu não me lembro de nenhum outro trabalho. O Pallotta vai te contar que tinha o dia do dadaísmo, que eu nunca vi. Era uma

coisa integrada que eu acho que tinha que ter mais de uma matéria, mas eu não me lembro de ter participado disso.

Eddy: O dia do dadaísmo eu já tenho umas dicas sobre isso, bacana, e era justamente uma tentativa de estabelecer integração.

Guto: De integração, talvez todas as matérias tivessem uma iniciativa, mas eu não me lembro disso.

Eddy: Você acha que ele pode falar sobre isso?

Guto: Ele vai falar, mas havia coisas que eles faziam na cidade, não era só dentro do prédio não.

Eddy: Qual a sua visão pessoal sobre o perfil do aluno ladê, que compreendia naquele período uma faixa entre 15 e 18 anos, quem eram esses alunos, como é que você via?

Guto: Acho que eles eram de classe média, como nós, professores, eram alunos muito sensíveis, e que estavam descontentes com o clássico e o científico tradicionais ou cursos técnicos que havia naquela época e procuravam uma alternativa, um lugar que eles pudessem extravasar, ter expressão em alguma área, fotografia, artes plásticas. Era um lugar onde a liberdade de expressão podia acontecer e era, como a gente estava conversando anteriormente, o único colegial com essa abertura que não ficava focado no vestibular como meta didática, a meta didática lá era divertir-se, crie, transforme, mostre sua cabeça o contrário das outras escolas que bitolava, que colocava todas as cabeças numa só direção, o vestibular. Para mim era multifacetada e estimulava uma variedade de caminhos. Era muito rico. No ladê havia uma disposição para embarcar na proposta didática, era muito bom lançar uma provocação, haviam, sempre ótimas respostas.

Eddy: Agora nós vamos pra última pergunta. O colégio técnico de educação ladê contribuiu com seus objetivos para a formação de profissionais de nível médio, no seu entender, conceitos básicos do curso da Bauhaus estavam ou não estavam associados à filosofia do curso, a Bauhaus com toda aquela sua filosofia e tudo mais, você sente que o ladê carregava isso de alguma maneira pros alunos de uma forma direta ou indireta?

Guto: Bom, nunca estudei a Bauhaus como se devia, eu nunca li nem Paul Klee nem Mies Van Der Rohe, sou ignorante total e conheço a Bauhaus só de figurinhas, conheço de olhar livros. Eu acho que todos nós somos netos da Bauhaus, mesmo que você não queira você se senta numa cadeira que foi desenhada pela Bauhaus, entra em um prédio e lá tem um diagrama que faz com que a gente não escape da Bauhaus então ela se disseminou de tal forma por todos os países, está em todo o canto; você abre um livro o diagrama é da Bauhaus. Nunca dei aula de teoria. Eu gosto de falar “hoje nós vamos fazer isso aqui, desenho, dobra, corta, cola, monta” eu sou professor de atividade física, psicomotora. Gosto que os alunos tenham o prazer de dizer “olha, fui eu que fiz! sou professor prático.

Eddy: Guto, como agradecer eu não sei, só posso dizer que vai estar nesta tese. r eu não sei, só posso dizer que vai estar nos anais desta tese.

Caro Eddy, depois você me paga uma pizza